

# O AMOR REVOLUCIONÁRIO EM *LES MISÉRABLES*: O DISCURSO DE ENJOLRAS E A TRANSFORMAÇÃO DE GRANTAIRE

Maria Júlia PEREIRA\*

**RESUMO:** Em *Les Misérables* (1862), de Victor Hugo, a personagem Enjolras, líder insurgente que transforma, política e historicamente, a comunidade em que se insere, expressa absoluta devoção à causa republicana discursando em nome de um futuro em que o amor reinará. Em seu último discurso nas barricadas, prestes a morrer na luta contra a guarda real, o revolucionário glorifica o amor e o torna fundamento do “lugar nenhum” inerente à ideia de utopia que orienta suas ações no romance, bem como medeia suas relações com os demais insurgentes republicanos. No texto narrativo, a devoção e o sacrifício pela causa revolucionária são alegorias da caridade (ágape, amor de dileção); a República, afirmada como mãe, e a Pátria, tratada por amante, são, respectivamente, alegorias do amor materno e romântico. Grantaire, por sua vez, é o jogador libertino, bêbado que desdenha dos ideais revolucionários, personagem encarnação do ceticismo, antagônico à utopia, mas que, por afeição a Enjolras, transforma-se a ponto de se converter à causa republicana em seu momento derradeiro, decidindo morrer ao lado do amigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** amor; Enjolras; Grantaire; discurso; transformação.

Cristina Vieira (2008) assinala que a ancoragem histórica em *Les Misérables* é do tipo cronológica, isto é, baseada em datas calendarizáveis. Isso é evidenciado no Livro X (*Le 5 juin 1832*), da Quarta Parte (*L'Idylle Rue Plumet et l'Épopée Rue Saint-Denis*), composto de cinco capítulos digressivos. Nesses capítulos ocorre a contextualização histórica das causas da insurreição republicana de 1832 de modo que, no Livro XI (*L'atome fraternise avec l'ouragan*), tem início a narração

---

\* Doutoranda em História Literária e Crítica. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Programa de Pós-graduação. Araraquara - SP - Brasil. 14800-901. Doutoranda em *Histoire et Sémiologie du Texte et de l'Image*. Université Paris Cité. Paris - France. 75006 - majuper@gmail.com

do conflito propriamente, com a atuação das personagens integrantes do grupo *Les amis de l'ABC* e dos demais insurgentes liderados por Enjolras.

Enjolras é o jovem líder revolucionário, uma personagem constituída a partir daquilo que Candido (2002) considera como adaptação de um modelo que o escritor reconstitui por meio de documentos ou testemunhos. Com efeito, o insurgente é inspirado no modelo do jovem estudante universitário parisiense da década de 1830 que, envolvido com os grupos de oposição ao governo monárquico, organizava, junto aos operários e a outros opositores populares da época, movimentos de insurreição que culminavam nas barricadas. Dessa forma, sua trajetória coincide com a da comunidade histórica em que está inserido: sua morte é uma morte política, na medida em que se torna vítima do governo monárquico por se opor radicalmente a ele. Alcmeno Bastos (2007) afirma que uma das características dos romances históricos é o fato de o curso das personagens principais estar vinculado ao destino da comunidade histórica em que se inserem, não se limitando à trajetória individual propriamente da personagem. Nesse sentido, a sorte de Enjolras e de seu grupo coincide com a dos insurgentes de 5 e 6 de junho de 1832, que foram massacrados pela guarda real francesa.

O insurgente também é construído na narrativa por meio de certas antíteses: “jovem charmoso, capaz de ser terrível”; dotado de uma beleza angelical comparável à de Antínoo, porém “feroz”; “já homem, ainda parecia criança”; seus “lindos olhos azuis” lançavam um “olhar surpreendente e temível” que “mostrava o abismo” a quem ousasse flertar com ele (Hugo, 2018, p.633-634)<sup>1</sup>. Segundo Cristina Vieira (2008), a adjetivação por meio da antítese enfatiza aspectos contraditórios da personagem, contribuindo para a sua ambiguidade. Enjolras encarna, efetivamente, a ideia de revolução em toda sua complexidade, inclusive a ambiguidade entre os ideais e o agir revolucionários, a incompatibilidade entre o discurso pela fraternidade e a ação geradora da guerra civil presentes na insurgência. Além disso, tal adjetivação provoca um contraste que o destaca em relação aos demais membros do grupo, o que, juntamente com a condição de líder que lhe é atribuída, configura um importante indício de seu protagonismo nos movimentos da insurreição retratada no romance.

Na descrição da personagem, o narrador destaca que “a reverberação pensativa” de seu olhar parecia provir de uma “existência precedente” que atravessara “o apocalipse revolucionário”. Tinha um olhar profundo e a “frente alta”, características que evocam o intenso exercício do pensamento e da razão:

---

<sup>1</sup> Todas as traduções são nossas, salvo indicação em contrário.

“muita frente em um rosto é como muito céu em um horizonte” (HUGO, 2018, p. 633). A comparação alude à ideia revolucionária que associa o céu à liberdade, estabelecendo um elo entre pensamento e liberdade que remete ao livre pensar – direito declarado por meio da Revolução Francesa (art. 11, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão) e defendido por Enjolras em seu discurso e sua ação. Além disso, ele apresentava uma “natureza pontifical e guerreira”, era o “soldado da democracia” e, se ao lado de Combeferre – que o “completava e retificava” – tivesse chegado à História, seria conhecido como “o justo” e aquele como o “sábio” (Hugo, 2018, p.634). Enjolras era *officiant* e *militant* (Hugo, 2018, p.633), adjetivos que contêm significados atrelados à religiosidade: *officiant* refere-se ao religioso que celebra os ritos. *Militant*, por sua vez, além do uso político como sinônimo de ativista, pode referir-se, em teologia, aos prosélitos: o militante religioso, o partidário de uma crença, o convertido que busca novos adeptos (Trouillez; Dehais, 2013).

A construção de tal personagem ocorre, dessa forma, no discurso narrativo, por meio da adjetivação de cunho religioso, fazendo da revolução uma espécie de profissão de fé do jovem líder e de seus seguidores. No romance, a analogia entre o gesto de professar os ideais revolucionários e a crença religiosa ocorre primeiramente no diálogo entre o bispo e o convencional e, posteriormente, na construção do líder dos insurgentes, sendo reforçada quando Marius, após participar de uma reunião do grupo, sente sua crença no Império Napoleônico (sua herança paterna) abalada pela retórica republicana: “Cidadão – disse-lhe Enjolras – minha mãe é a República”. Assim, tal analogia é reforçada nesse momento no texto narrativo: “Marius tornou-se sombrio. Mal acabara de tornar-se adepto de uma fé; precisaria então rejeitá-la? Afirmou a si mesmo que não. Declarou para si que não queria duvidar, apesar disso, começava a duvidar.” (Hugo, 2018, p. 659).

A devoção de Enjolras é característica de um padre e sua paixão é típica do amante, porém ambas são voltadas à causa política. A caracterização mística ocorre, em nível fonológico, no próprio nome da personagem: Enjolras / ɛ̃ʒɔʁa / contém foneticamente a palavra *ange* / ɑ̃ʒ /. O elemento religioso e a idolatria do Amor e da amada são reiterados por uma espécie de voto de castidade (Pereira, 2020):

*[...] il avait une jeunesse excessive [...] Déjà homme, il semblait encore enfant. Ses vingt-deux ans en paraissaient dix-sept. Il était grave, il ne semblait pas savoir qu'il y eût sur la terre un être appelé la femme. Il n'avait qu'une passion, le droit,*

*qu'une pensée, renverser l'obstacle. Sur le mont Aventin, il eût été Gracchus ; dans la Convention, il eût été Saint-Just. Il voyait à peine les roses, il ignorait le printemps, il n'entendait pas chanter les oiseaux [...] Devant tout ce qui n'était pas la République, il baissait chastement les yeux. C'était l'amoureux de marbre de la Liberté. Sa parole était âprement inspirée et avait un frémissement d'hymne. Il avait des ouvertures d'ailes inattendues.* (Hugo, 2018, p. 633).

A castidade contrastante com a juventude excessiva reitera o caráter virtuoso da personagem e de sua devoção à causa. A palavra com tom de hino é aquela que glorifica a causa revolucionária, pois o hino – assim como a bênção – é uma expressão literária do louvor (Ricœur, 2008). Além do mais, o direito como paixão figura a idolatria a uma forma divina de justiça: o jovem insurgente desprezava tudo aquilo que não fosse emanção direta da profissão de fé revolucionária. Disso decorre a postura severa em relação aos prazeres. Efetivamente, a paixão da personagem pela equidade (pelo justo) a faz almejar a República como forma de governo que contemple o povo e a Liberdade como princípio, encarnando o amante apaixonado desse ideal por meio do rompimento com a ordem vigente. Essa ruptura se manifesta de forma total e absoluta como um modo de retificar o mundo pela equidade, sendo levada às últimas consequências: à ruptura com a ordem social e política (o combate contra a forma monárquica de governo).

Hugo discursa a um povo oriundo de seu imaginário em *Les Misérables*. Esse discurso se justifica na e por meio da linguagem, assim como aquele do amante abordado por Barthes (2003) em *Fragmentos de um discurso amoroso*. O amante barthiano está fundamentalmente ligado à linguagem: fala de si mesmo diante do objeto amado. Nessa perspectiva, Parent (2013) assinala que são projetados na obra os trechos de uma espécie de carta aberta cujo destinatário é o povo, não apenas na condição de miserável, como também na condição de insurgente; e o leitor é o analista ao qual o autor se dirige com o intuito de alcançar seu verdadeiro interlocutor. Com efeito, o povo protagoniza os problemas sociais e políticos expostos na obra. A partir dessa ideia, é possível compreender o fascínio de Hugo pela insurreição republicana – acontecimento histórico escolhido para engendrar o cenário das barricadas revolucionárias onde morrem os jovens heróis do romance.

A virtude política de Enjolras compõe seu caráter, sendo bússola de seu agir. Montesquieu (1995) define a virtude política como uma virtude moral que exige a renúncia de si mesmo pela coletividade, a preferência ao interesse público em detrimento do particular, sendo fundamento de governos republicanos e

democráticos, do chamado Estado popular (*État populaire*), onde aqueles que executam as leis também estão a elas submetidos. A partir disso, o amor à pátria e a submissão igual de todos os cidadãos à lei tornam-se mandamentos para a existência desse Estado. Sob a perspectiva da virtude política, a insurreição se apresenta como meio legítimo quando necessária para servir à pátria. Nesse sentido, Montesquieu (1995) cita a insurreição de Creta como exemplo histórico e evidencia como esse processo representa uma demanda legal dos cidadãos frente ao governo que os rege. Conforme já mencionado, em *Les Misérables*, a palavra insurreição adquire importante valor axiológico, na medida em que é apresentada pelo narrador como sinônimo de revolução: trata-se de um processo de reivindicação de direito e de luta contra a tirania e pela soberania popular (Hugo, 2018).

Nesse sentido, no capítulo XIV (*Où on lira le nom de la maîtresse d'Enjolras*), durante o desenrolar da luta nas barricadas, a pátria é apresentada como amante do revolucionário. Laigle diz a Courfeyrac que admira a “*témérité impassible*” do jovem líder revolucionário: “[...] *nous avons tous plus ou moins de maîtresses qui nous rendent fous, c'est-à-dire braves [...] tous nos héroïsmes viennent de nos femmes [...] Eh bien, Enjolras n'a pas de femme. Il n'est pas amoureux mais il trouve le moyen d'être intrépide.* » (Hugo, 2018, p.1180). Nesse momento, Enjolras não os escutava, mas quem passasse perto dele o teria escutado murmurar: “*Patria*” (Hugo, 2018, p.1180). Desse modo, a paixão e a existência da amante de Enjolras são afirmadas, nas palavras de Bossuet, pela negativa da experiência sensível – “*Enjolras n'a pas de femme. Il n'est pas amoureux*” –, isto é, não ama algo ou alguém concretamente apreensível em sua singularidade, mas sim o ideal, o absoluto, a pátria que encarna o povo (a coletividade); e isso se expressa nesse murmurar (*Patria*) que revela seu pensamento. Assim, o lugar onde se inscreve o nome da *maîtresse* são os próprios lábios do amante marmóreo, assinalando a natureza transcendente e dedicada desse amor, fundamento de sua utopia e audácia, ou seja, de seu agir. Segundo Moncond'huy (2018, p. 1662), “*Enjolras se voue au sacerdoce exclusif de la patrie*”.

Vandamme (2015) afirma que a dimensão carnal de Enjolras é completamente suprimida, na medida em que ele nunca é distraído pela carne. Sua assexualidade monástica é reforçada pela imagem do mármore: não contente em fazê-lo casto, o narrador o torna estátua, desassociando-o do tato humano. O amor materno e romântico que acomete Enjolras é essencialmente alegórico: a mãe é a República, a amante, por sua vez, é a Pátria. Da mesma forma, o caráter severo e as ações da personagem revelam uma escolha que abole a experiência

carnal: nunca vivenciou o amor romântico como fizeram seus amigos e os únicos dois beijos que deu na vida foram na mão e na testa do cadáver de Mabeuf, morto nas barricadas (Hugo, 2018). A devoção hiperbólica – análoga à religiosidade monástica – à causa política, os adjetivos de cunho religioso, a justeza, o nome e a beleza que o aproximam de um anjo (*angéliquement beau*), a utopia e o sacrifício pelo ideal – traduzidos na morte que oferece a seus companheiros e que dá a si mesmo em nome do futuro – tornam Enjolras sobre-humano. Isso se evidencia na comparação com Apolo (*Apollon*) e com a deusa grega da justiça (*Thémis*) (HUGO, 2018), bem como na imortalidade das ideias defendidas na luta revolucionária. Sua trajetória se revela simultaneamente épica e trágica, assimilando também o mito.

A devoção de Enjolras é fruto desse amor dedicado e revolucionário em razão de sua potência transformadora. Nesse sentido, Marius Pontmercy é o primeiro transformado: órfão que teve uma educação aristocrata, segundo as crenças do avô materno e que, ao descobrir a história de seu pai, omitida pelo avô, como coronel no exército napoleônico tornou-se um defensor do império e é expulso de casa, momento em que conhece Enjolras, participando de uma reunião por ele presidida (Hugo, 2018). O líder evidencia que o grupo luta pelo ideal republicano, maior do que a glória e a guerra oferecidas pelo imperador e afirma “*ma mère, c’est la République*” (Hugo, 2018). Os efeitos desse episódio, em que se inicia a transformação política de Marius, surgem no romance quando ele comparece nas barricadas em socorro aos amigos.

Assim, Enjolras é apresentado como um agente transformador que modifica política e historicamente a comunidade em que se insere, o que ocorre a partir do gesto de amor expresso na dedicação à causa republicana, assim como a partir de um discurso utópico e amoroso voltado à ruptura com a ordem vigente e à instauração de um lugar (ou não-lugar) regido pelo amor. A potência transformadora desse discurso é nítida na trajetória da personagem de Grantaire – encarnação do ceticismo, avesso à utopia (Hugo, 2018). Após a descrição de cada um dos membros do grupo *Les amis de l’ABC*, o narrador menciona que entre “[...] *tous ces coeurs passionnés et tous ces esprits convaincus, il y avait un sceptique. Comment se trouvait-t-il là ? Par juxtaposition.*” Seu nome era Grantaire, recusava-se a crer no que quer que fosse, tendo como axioma a certeza de seu copo cheio. “*Coureur, joueur, libertin, souvent ivre*”, “*laid démesurément*” e conhecedor dos locais de farra em Paris, “[...] *ce sceptique avait un fanatisme. Ce fanatisme n’était ni un dogme, ni un art, ni une science, c’était un homme : Enjolras*” (Hugo, 2018, p. 641-642).

*Grantaire admirait, aimait et vénérât Enjolras. À qui se ralliait ce douteur anarchique dans cette phalange d'esprits absolus ? Au plus absolu. De quelle façon Enjolras le subjuguait-il ? Par les idées ? Non. Par le caractère. Phénomène souvent observé. Un sceptique qui adhère à un croyant, cela est simple comme la loi des couleurs complémentaires. Ce qui nous manque nous attire [...] Grantaire, en qui rampait le doute, aimait à voir dans Enjolras la foi planer. Il avait besoin d'Enjolras. Sans qu'il s'en rendît clairement compte et sans qu'il songeât à se l'expliquer à lui-même, cette nature chaste, saine, ferme, droite, dure, candide, le charmait. Il admirait, d'instinct, son contraire. Ses idées molles, fléchissantes, disloquées, malades, difformes, se rattachaient à Enjolras comme à une épine dorsale. Son rachis moral s'appuyait à cette fermeté. Grantaire, près d'Enjolras, redevenait quelqu'un. Il était lui-même d'ailleurs composé de deux éléments en apparence incompatibles. Il était ironique et cordial. Son indifférence aimait. Son esprit se passait de croyance et son cœur ne pouvait se passer d'amitié. Contradiction profonde ; car une affection est une conviction. Sa nature était ainsi. Il y a des hommes qui semblent nés pour être le verso, l'envers, le revers. Ils sont Pollux, Patrocle, Nisus, Eudamidas, Éphestion, Pechméja. Ils ne vivent qu'à la condition d'être adossés à un autre ; leur nom est une suite, et ne s'écrit que précédé de la conjonction et ; leur existence ne leur est pas propre ; elle est l'autre côté d'une destinée qui n'est pas la leur. Grantaire était un de ces hommes. Il était l'envers d'Enjolras. On pourrait presque dire que les affinités commencent aux lettres de l'alphabet. Dans la série, O et P sont inséparables. Vous pouvez, à votre gré, prononcer O et P, ou Oreste et Pylade. Grantaire, vrai satellite d'Enjolras, habitait ce cercle de jeunes gens ; il y vivait ; il ne se plaisait que là ; il les suivait partout. Sa joie était de voir aller et venir ces silhouettes dans les fumées du vin. On le tolérait pour sa bonne humeur. Enjolras, croyant, dédaignait ce sceptique, et, sobre, cet ivrogne. Il lui accordait un peu de pitié hautaine. Grantaire était un Pylade point accepté. Toujours rudoyé par Enjolras, repoussé durement, rejeté et revenant, il disait d'Enjolras : Quel beau marbre ! (Hugo, 2018, p. 642-643).*

Grantaire é uma personagem cuja existência e caracterização são indissociáveis de Enjolras. Subjugado pelo caráter virtuoso desse devoto revolucionário, ele é inteiramente dependente dessa amizade, de modo que, em sua descrição de cético, o nome de Enjolras é repetido doze vezes. Assim, a antítese entre as duas personagens termina no oxímoro que expressa o caráter de Grantaire: um cético convicto. Efetivamente, o amor por seu contrário, sentimento traduzido nos verbos “*admirait, aimait et vénérât*”, une-o ao mais absoluto dos espíritos do

grupo. Dessa forma, a trajetória desse Pílade mal aceito se revela inseparável da afeição por seu inverso. Segundo Vandamme (2015, p. 8), isso se evidencia por meio da enumeração, que evoca o afeto, de personagens e pessoas relacionadas à mitologia e à História da Antiguidade, seja o afeto fraterno, como Pollux e Castor, ou romântico (homossexual, segundo “o modelo social grego”), como Pátroclo e Aquiles, Heféstio e Alexandre. A despeito do ceticismo de seu caráter, Grantaire ama Enjolras que, por sua vez, despreza-o. Esse desdém é expresso no discurso narrativo por meio dos pares antitéticos: *croyant / sceptique, sobre / ivre*, e intensificado pela aliteração da consoante “r”, cujo fonema /ʀ/, em destaque a seguir, apresenta um valor semântico que exprime essa movimentação de Grantaire na condição de verdadeiro satélite de Enjolras, repellido, mas sempre retornando: “*Toujours rudoyé par Enjolras, repoussé durement, rejeté et revenant, il disait d’Enjolras : Quel beau marbre !*” (Hugo, 2018, p. 643, grifo nosso).

No capítulo VI (*Enjolras et ses lieutenants*), do Livro I (*Quelques pages d’Histoire*), da Quarta Parte, Enjolras dividiu as tarefas do grupo, encarregando cada um dos membros a incitar os civis – sobretudo os operários – à insurreição em diferentes bairros da cidade. Feita essa divisão, ele se preocupava com o fato de que ainda faltava alguém para ir à *barrière du Maine*, onde havia pintores, marmoreiros e escultores que pareciam politicamente desentusiasmados e passavam seu tempo jogando dominós, conforme comentou com Combeferre. Grantaire, ao escutar tal comentário, apresentou-se útil ao amigo:

*Enjolras resta un moment comme absorbé dans ses réflexions, puis reprit :*  
*[...] Il me faudrait quelqu’un pour la barrière du Maine. Je n’ai plus personne.*  
*– Et moi, dit Grantaire, je suis là.*  
*– Toi ?*  
*– Moi.*  
*– Toi, endoctriner des républicains ! toi, réchauffer, au nom des principes, des*  
*coeurs refroidis !*  
*– Pourquoi pas ?*  
*– Est-ce que tu peux être bon à quelque chose ?*  
*– Mais j’en ai la vague ambition, dit Grantaire.*  
*– Tu ne crois à rien.*  
*– Je crois à toi.*  
*– Grantaire, veux-tu me rendre un service ?*  
*– Tous. Cirer tes bottes.*  
*– Eh bien, ne te mêle pas de nos affaires. Cuve ton absinthe.*



– *Tu es un ingrat, Enjolras.*

– *Tu serais homme à aller barrière du Maine ! tu en serais capable ! [...]*

– *Qu'est-ce que tu leur diras ?*

– *Je leur parlerai de Robespierre, pardi. De Danton. Des principes.*

– *Toi !*

– *Moi. Mais on ne me rend pas justice. Quand je m'y mets, je suis terrible [...]*

– *Sois sérieux, dit Enjolras.*

– *Je suis farouche, répondit Grantaire.*

*Enjolras pensa quelques secondes, et fit le geste d'un homme qui prend son parti.*

– *Grantaire, dit-il gravement, je consens à t'essayer. Tu iras barrière du Maine.*

*Grantaire logeait dans un garni tout voisin du café Musain. Il sortit, et revint cinq minutes après. Il était allé chez lui mettre un gilet à la Robespierre.*

– *Rouge, dit-il en entrant, et en regardant fixement Enjolras.*

*Puis, d'un plat de main énergique, il appuya sur sa poitrine les deux pointes écarlates du gilet.*

*Et, s'approchant d'Enjolras, il lui dit à l'oreille :*

– *Sois tranquille.*

*Il enfonça son chapeau résolument et partit* (Hugo, 2018, p. 833-835).

Grantaire declara seu amor respondendo às palavras “*tu ne crois à rien*” de Enjolras, com as palavras “*je crois à toi*”, sendo essa sua convicção uma forma de afeição. Apesar de não cumprir com o que prometera ao amigo, juntando-se aos jogadores de dominó, o cético ébrio dobra-se à utopia do crente sóbrio por amor, o que é demonstrado pela escolha de morrer ao lado do amigo. Com efeito, em *Les Misérables*, o poder do amor relaciona-se essencialmente à mutação: “*Aimez. Une sombre transfiguration étoilée est mêlée à ce supplice. Il y a de l'extase dans l'agonie.*” (Hugo, 2018, p. 911). Isso se evidencia igualmente na definição hiperbólica desse sentimento: “*La réduction de l'univers à un seul être, la dilatation d'un seul être jusqu'à Dieu, voilà l'amour.*” (Hugo, 2018, p. 907). A potência transformadora do amor se revela, sobretudo, na relação entre Marius e Cosette, um elo criado pelo amor romântico. Contudo, Pierre Popovic (2013, p.153) assevera que a transfiguração pelo amor também aparece, de modo atípico e surpreendente no gesto final de Grantaire. Quando os insurgentes começaram a organizar a barricada contígua à taverna Corinthe, Grantaire ali já se encontrava completamente embriagado, zombando do empenho dos insurgentes. Enjolras o escutou e ordenou que desfrutasse de seu vinho fora dali para não desonrar a barricada. Grantaire, por sua vez,

[...] regarda Enjolras avec une inexprimable douceur, et lui dit :

– Tu sais que je crois en toi.

– Va-t'en.

– Laisse-moi dormir ici.

– Va dormir ailleurs, cria Enjolras.

Mais Grantaire, fixant toujours sur lui ses yeux tendres et troubles, répondit:

– Laisse-moi y dormir – jusqu'à ce que j'y meure.

Enjolras le considéra d'un oeil dédaigneux :

– Grantaire, tu es incapable de croire, de penser, de vouloir, de vivre, et de mourir.

Grantaire répliqua d'une voix grave :

– Tu verras (Hugo, 2018, p. 1073).

A reafirmação do amor de Grantaire aparece na ternura com a qual se dirige a Enjolras e na promessa – que será cumprida – de morrer ali. Tal promessa evoca o trágico destino dos revolucionários, partilhado por esse céptico bêbado em razão de seu afeto pelo líder insurgente. Nesse sentido, quando a barricada é tomada pela guarda real, Grantaire ainda dormia sobre a mesa: “*Il réalisait, dans toute son énergie, la vieille métaphore : ivre mort. Le hideux philtre absinthe-stout-alcool l'avait jeté en léthargie.*” À primeira vista, era impossível distingui-lo dos cadáveres que o rodeavam. Enjolras, que entrara na taverna quando a barricada se desfez, encontrava-se cercado por doze artilheiros que lhe apontavam fuzis. Ele despertou não com o barulho, mas com o silêncio da batalha (Hugo, 2018, p. 1217) e, não tendo sido até então notado pelos oficiais que voltavam toda sua atenção ao jovem chefe da barricada, exclamou:

« Vive la République ! J'en suis. »

Grantaire s'était levé.

L'immense lueur de tout le combat qu'il avait manqué, et dont il n'avait pas été, apparut dans le regard éclatant de l'ivrogne transfiguré.

Il répéta : Vive la République ! traversa la salle d'un pas ferme, et alla se placer devant les fusils debout près d'Enjolras.

« Faites-en deux d'un coup », dit-il.

Et, se tournant vers Enjolras avec douceur, il lui dit :

« Permets-tu ? »

Enjolras lui serra la main en souriant.

Ce sourire n'était pas achevé que la détonation éclata.

*Enjolras, traversé de huit coups de feu, resta adossé au mur comme si les balles l'y eussent cloué. Seulement il pencha la tête.*

*Grantaire, foudroyé, s'abattit à ses pieds.* (Hugo, 2018, p. 1218).

Nessa cena, a potência transfiguradora do amor é sintetizada por meio da adjetivação “*ivrogne transfigure*”: a despeito do ceticismo que o acompanhou até ali, Grantaire age motivado por sua única crença e diz “*Vive la République*” (palavras que se espera da parte de Enjolras), cumprindo a promessa que fizera. Grantaire se mostra capaz de morrer em comunhão com o amigo: “*Permets-tu ?*”. Essa transfiguração o dignifica e o engrandece, aproximando-o do ideal e do sublime característicos de seu amigo. Por outro lado, tal transfiguração confere uma dimensão carnal ao anjo marmóreo, o que se traduz em dois gestos: no sorriso e no aperto de mão. Ainda, Enjolras em pé, como se estivesse “pregado” à parede pelas balas evoca o sacrifício por meio da referência ao martírio de Cristo (Bíblia, Lucas, 23, 33-34). Essa imagem também se compõe por Grantaire que, fuzilado, cai morto aos pés do devoto revolucionário, expressando, assim, o ceticismo que se rende finalmente à utopia, ao ideal encarnado pelo insurgente: o cético se converte no momento derradeiro, à semelhança de São Dimas (Bíblia, Lucas, 23, 39-43). Desse modo, a potência de transfiguração do amor revela-se na nutrição desse sentimento pela causa política por meio do discurso, do agir e da afeição que Enjolras inspira em todas as personagens que com ele se relacionam, não somente nos demais revolucionários, mas também e sobretudo no cético que o circunda (Pereira, 2020).

Nessa perspectiva, Roos (1958) assinala que a ideia do amor em Hugo tem natureza universal, identifica-se com a solidariedade e se justifica na unidade do gênero humano. Aquele que toma consciência da lei de solidariedade que une todos os seres vê as fronteiras entre o eu e o não eu desaparecerem, reconhecendo a si mesmo em seu próximo. Esse amor dedicado e que demanda sacrifício é uma das faces do amor na concepção hugoana e, em *Les Misérables*, ele é encarnado não somente pelo bispo Myriel, mas também por Enjolras. Isso ocorre porque a ação dessa personagem no romance se fundamenta na utopia figurada no discurso por um futuro harmônico que é essencialmente caracterizado por uma República que contemple os desfavorecidos. Entretanto, tal utopia embasa igualmente um discurso pela ruptura das regras e da ordem vigente, discurso que justifica a violência da causa revolucionária. Isso se evidencia no momento da insurreição em que o insurgente Cabuc assassina um civil (um porteiro), que não lhe deu passagem para entrar em certo prédio. Tal ato, injustificável

na perspectiva revolucionária, é imediata e severamente punido por Enjolras que, assumindo a condição de juiz (e carrasco) da insurreição, fundamenta sua decisão:

*Enjolras était demeuré pensif. On ne sait quelles ténèbres grandioses se répandaient lentement sur sa redoutable sérénité. Tout à coup il éleva la voix. On fit silence.*

*«Citoyens, dit Enjolras, ce que cet homme a fait est effroyable et ce que j'ai fait est horrible. Il a tué, c'est pourquoi je l'ai tué. J'ai dû le faire, car l'insurrection doit avoir sa discipline. L'assassinat est encore plus un crime ici qu'ailleurs ; nous sommes sous le regard de la révolution, nous sommes les prêtres de la république, nous sommes les hosties du devoir, et il ne faut pas qu'on puisse calomnier notre combat. J'ai donc jugé et condamné à mort cet homme. Quant à moi, contraint de faire ce que j'ai fait, mais l'abhorrant, je me suis jugé aussi et vous verrez tout à l'heure à quoi je me suis condamné.»*

*Ceux qui écoutaient tressaillirent.*

*« Nous partagerons ton sort, cria Combeferre.*

*– Soit, reprit Enjolras. Encore un mot. En exécutant cet homme, j'ai obéi à la nécessité ; mais la nécessité est un monstre du vieux monde ; la nécessité s'appelle Fatalité. Or, la loi du progrès, c'est que les monstres disparaissent devant les anges, et que la fatalité s'évanouisse devant la fraternité. C'est un mauvais moment pour prononcer le mot amour. N'importe, je le prononce, et je le glorifie. Amour, tu as l'avenir. Mort, je me sers de toi, mais je te hais. Citoyens, il n'y aura dans l'avenir ni ténèbres, ni coups de foudre, ni ignorance féroce, ni talion sanglant. Comme il n'y aura plus de Satan, il n'y aura plus de Michel. Dans l'avenir personne ne tuera personne, la terre rayonnera, le genre humain aimera. Il viendra, citoyens, ce jour où tout sera concorde, harmonie, lumière, joie et vie, il viendra. Et c'est pour qu'il vienne que nous allons mourir. »*

*Enjolras se tut. Ses lèvres de vierge se refermèrent ; et il resta quelque temps debout à l'endroit où il avait versé le sang, dans une immobilité de marbre. Son oeil fixe faisait qu'on parlait bas autour de lui. (HUGO, 2018, p. 1088).*

Paul Ricœur (2015) assevera que a ideia central da utopia é o lugar nenhum, aludido no nível semântico da palavra, assim como nas descrições de Thomas Morus. Ela é circunstancialmente transcendente, aspecto que a torna

O amor revolucionário em *Les misérables*: o discurso de Enjolras e a transformação de Grantaire essencialmente realizável, isto é, não se trata de um mero sonho, mas de uma possibilidade real que abala a ordem estabelecida. Em razão do pensamento utópico, emerge a necessidade de se servir da morte, mas a devoção à causa e o autossacrifício se fundamentam no amor que, por isso, será glorificado: a ele pertence o futuro (Pereira, 2020).

Desse modo, o ato de glorificar o amor é indissociável da utopia nas palavras de Enjolras. Um dos traços que caracterizam o estranhamento engendrado pelo discurso amoroso é o louvor, evidente na poesia bíblica, sendo que nele o sujeito “[...] regozija-se à vista do seu objeto reinando acima de todos os outros objetos de seu cuidado.” (Ricœur, 2008, p. 18). Assim, ao evocar e glorificar o amor, o insurgente produz um discurso amoroso que contém tal traço e que se configura como elemento constituidor do “lugar nenhum” (Ricœur, 2008, p.18). Para compreender o louvor e o arrebatamento nesse discurso, é preciso abordar brevemente a análise proposta por Paul Ricœur (2008) da glorificação do amor por São Paulo em 1 Coríntios 13, realizada por meio do emprego alternado de certas estratégias retóricas (ou estilísticas) que revelam a exaltação do amor (ou da caridade<sup>2</sup>). Na primeira estrofe, verifica-se a presença da hipérbole negativa como recurso que exprime a aniquilação de tudo que não seja (ou que não contemple) o amor:

Se nas línguas dos humanos e dos anjos eu falar, mas amor não tenho, bronze ecoante ou címbalo ruidoso me tornei.

E se eu tiver profecia e souber todos os mistérios e todo o conhecimento; e se eu tiver toda a fé a ponto de mover montanhas, mas amor não tenho, nada sou. E se eu transformar em comida [para os que têm fome] todos os meus bens e se eu entregar o meu corpo para que me vanglorie [da minha própria coragem], mas amor não tenho, de nada eu sirvo. (Bíblia, 1 Coríntios, 13, 1-3).

Posteriormente, por meio do modo indicativo são desenvolvidas as características de valor (ou de grandeza) inerentes ao amor como se tudo se consumasse em um jogo de alternância entre a assertividade (as afirmações com os verbos no presente: ser, aguentar, confiar, esperar, suportar) e negação (reiteração do “não”):

---

<sup>2</sup> Aqui a caridade (ágape) é compreendida como um amor de dileção, incondicional e desinteressado, que almeja o bem do próximo.

O amor é paciente, prestante é o amor: não inveja, não fanfarrona, não se incha [de vaidade];  
não é indecoroso, não procura as coisas [que são do interesse] dele;  
não se irrita nem contabiliza o mal [que lhe é feito];  
Tudo aguenta, tudo confia, tudo espera, tudo suporta (Bíblia, 1 Coríntios, 13, 4-7).

Na última estrofe há um movimento transcendente, rompendo com todo limite também por meio da hipérbole que reforça a superioridade do amor, assim como sua completude que evoca a perfeição (ele anula o parcial) e grandiosidade (ele é maior que a fé e a esperança):

O amor nunca falha. Se [existem] profecias, elas serão anuladas. Se existem línguas, cessarão. Se existe conhecimento, será anulado.  
Pois o nosso conhecimento é parcial e parcial é a nossa profecia.  
Quando vier o perfeito, o parcial será anulado [...]  
O que fica agora é: fé, esperança, amor – estas três coisas. Mas dessas a maior é o amor (Bíblia, 1 Coríntios, 13, 8-13).

Esse arrebatamento pelo amor está presente nas palavras do líder insurgente citadas acima. Com efeito, o discurso da personagem contém um hino ao amor e, ainda que ele se apresente de forma mais discreta do que aquele da Carta de São Paulo aos Coríntios, é possível estabelecer a comparação: verifica-se na fala de Enjolras o uso do modo indicativo para elevar o amor afirmando “*tu as l’avenir*”. Em seguida, o futuro é exaltado pela aniquilação hiperbólica de tudo o que não condiz com o amor: trevas, relâmpagos, ignorância, lei de talião, Satã, Miguel (aquele que pune, isto é, a figura do carrasco) e morte (“*personne ne tuera personne*”); assim como pela afirmação universal do ato de amar: “*le genre humain aimera*”. Esse espaço-momento (*l’avenir*) pertencente ao amor encarna a própria transcendência utópica: uma espécie de paraíso terrestre onde “*tout sera concorde, harmonie, lumière, joie et vie*”. Portanto, é a potência transformadora do amor revolucionário que a postura utópica almeja concretizar: a insurreição se faz revolução para romper com os desmandos da ordem vigente e instaurar o momento-lugar em que o amor reinará. No romance, não somente os insurgentes são profundamente tocados por esse discurso amoroso e escolhem morrer pelos ideais revolucionários para partilhar a mesma sorte de Enjolras, mas também aquele que nutre uma afeição pelo amigo: Grantaire cede não somente ao arrebatamento do discurso amoroso, mas sobretudo à manifestação do amor em si.

## **REVOLUTIONARY LOVE IN LES MISÉRABLES: ENJOLRAS'S SPEECH AND GRANTAIRE'S TRANSFORMATION**

**ABSTRACT:** *In Victor Hugo's "Les Misérables" (1862), the character Enjolras assumes the role of an insurgent leader catalyzing a political and historical transformation within his community. His unwavering dedication to the republican cause finds expression in a speech envisioning a future where love will reign. In his final speech delivered at the barricades, just prior to his death while battling the royal guard, the revolutionary exalts love and establishes it as the bedrock of the utopia guiding his actions throughout the novel and mediating his relationships with fellow republican insurgents. Within the narrative, the devotion and self-sacrifice for the revolutionary cause serve as allegorical representations of charity, specifically agape—the benevolent form of love. The Republic, personified as a nurturing mother, and the Homeland, depicted as a lover, symbolize maternal and romantic love. On the other hand, Grantaire, the libertine gambler and habitual drinker, openly derides revolutionary ideals, embodying a stance of skepticism that stands in contrast to the utopian vision. Nevertheless, his affection for Enjolras drives him to undergo a transformation, ultimately embracing his friend's cause and choosing to die alongside him.*

**KEYWORDS:** *love; Enjolras; Grantaire; speech; transformation.*

### **REFERÊNCIAS**

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução Márcia Valéria. Martinez de Aguiar. São Paulo: M. Fontes, 2003.

BASTOS, Alcmemo. **Introdução ao Romance Histórico**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BÍBLIA, N.T. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Tradução de Federico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a. v.II.

BÍBLIA, N.T. Os quatro Evangelhos. Tradução de Federico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b. v.I.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio. (org). **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p.51-80.

HUGO, Victor. **Les Misérables**. Paris: Gallimard, 2018.

MONTESQUIEU, Louis de Secondat, baron de. **De l'esprit des lois**. Paris: Gallimard, 1995.

Maria Júlia Pereira

MONCOND'HUY, Dominique. Notes. *In*: HUGO, Victor. **Les Misérables**. Paris: Gallimard, 2018.

PARENT, Yvette. **Des mots et des maux dans *Les Misérables* de Victor Hugo, fragments d'un discours au peuple à travers les noms abstraits de la politique et le vocabulaire social**. 2013. 473f. Tese (Doutorado em Literatura francesa e francófona) – Escola doutoral de Artes, Letras e Línguas, Universidade da Bretanha Ocidental, Brest, 2013. v.1.

PEREIRA, Maria Júlia. **As personagens Myriel, Enjolras, Jean Valjean e Javert em *Les Misérables*, de Victor Hugo: reações à concepção de justiça legalista**. 2020. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

POPOVIC, Pierre. **La mélancolie des Misérables: essai de sociocritique**. Montréal: Le Quartanier, 2013.

RICCEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. São Paulo: Autêntica, 2015.

RICCEUR, Paul. **Amour et justice**. Paris: Points, 2008.

ROOS, Jacques. **Les idées philosophiques de Victor Hugo**. Paris: Nizet, 1958.

TROUILLEZ, Edouard; DEHAIS, Annick. **Le Robert micro poche: dictionnaire d'apprentissage du français**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2013.

VANDAMME, Laurine. Enjolras et Grantaire: Figures mythologiques du Paris de 1832. Séminaire Approches du romantisme, 2014-2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/16520518/Les\\_Mis%C3%A9rables\\_-\\_Enjolras\\_et\\_Grantaire\\_figures\\_mythologiques\\_du\\_Paris\\_de\\_1832](https://www.academia.edu/16520518/Les_Mis%C3%A9rables_-_Enjolras_et_Grantaire_figures_mythologiques_du_Paris_de_1832). Acesso em: 11 jul. 2023.

VIEIRA, Cristina da Costa. **A construção da personagem romanesca**. Lisboa: Colibri, 2008.

